

REY

Correio Povo - 29/12/1950 - pg. 4 - Editorial

cc: 0346

03a0064-50

SIST. 59378

Ja fern

DOIS MUNDOS NUM SÓ

(R. Moura)

Não havia só aos ingleses essa palavra de ordem: exportar ou morrer. Em geral, para todos os países necessitando de divisas estrangeiras, a mesma exigência fatal sempre se fez sentir. A crise do mundo contemporâneo repousa solidamente nessa necessidade, e há no comentário desse economista da moda, o Sr. Damalas, uma sorte de angústia intelectual em face dos problemas da economia internacional deste instante, tão fácil se torna ao raciocínio elementar descobrir onde se encontra o erro, o defeito ou, talvez mais acertadamente, a impossibilidade de ir para frente e desamarrar os horizontes das relações entre os povos. Basta pensar um pouco e já se fica sabendo onde está a ferida, e aí é fácil colocar o dedo sobre a mesma, fixar a sua localização e, surge então →

a tremenda dificuldade, indica o remédio justo. Porque é precisamente esse remédio justo que a estrutura do regime não comporta. Conhecida a enfermidade, o paciente prefere, o que é muito natural, lutar pela sua sobrevivência através das próprias contradições, a se submeter à cirurgia plástica de uma mudança de fisionomia, o que equivaleria a uma substituição da própria alma.

Para alguns espíritos mais candidos há uma panácia. O livre comércio. Naturalmente teríamos que retroceder aos níveis anteriores às grandes crises, e gradualmente ir abrindo as portas até que as trocas se normalizassem. Mas isso é uéleno que vou sonhar, coisa ainda possível, isso é, pura especulação teórica.

O mundo está dividido em dois blocos. A fortaleza econômica dos Estados Unidos de um lado, com a parte ocidental da Europa e esta subtrida América Latina. Do outro mundo socialista, uma economia diferente, com problemas de outra índole e a planificação econômica dirigida para outros fins. Para o SR. Damalas será mais fácil do que se pensa uma conciliação entre os dois blocos, uma vez que a necessidade de exportar ou importar, que é característica do ocidente, não existe do outro lado da cortina.

Realmente, exportar mais e importar menos não tem sentido numa economia socialista. Um país que exporta mais do que ~~exija~~ necessário para equilibrar sua balança, obtém um acréscimo de seu estoque metálico ou créditos internacionais. Não se conhece a URSS fazendo colocações na economia internacional capitalista, ou recebendo o ~~ouro~~ ouro de que não necessita, fusa em seu comentário o Sr. Samalás.

A URSS produz e exporta ouro em quantidades importantes. Por consequência, um país que exporta ouro é como se realizasse um excedente de importações, e um MODUS VIVENDI como o western deve ser mais fácil de obter. É esta a opinião do economista no seu alentado volume sobre a reorganização da economia mundial.

Ele compreende, e assinala isso, que os problemas de que trata são extremamente difíceis. Mas sente que o dever dos economistas é de encontrar soluções para estes problemas que permanecem na ordem do dia há muito tempo. Assim, analisa a situação do momento e chega à conclusão, ainda uma vez, como todo espírito que se dedica a estudar a evolução do mundo econômico, de que o progresso técnico desorganizou completamente as condições da produção. As velhas instituições permanecem, embora ineficazes. Para

estabelecer novas instituições, a economia política, no seu papel de disciplina tendo como finalidade a explicação dos fenômenos económicos, deve fornecer uma explicação satisfatória dos fatos e de sua evolução. Sobre essa base, acredita o Sr. Damalás, os juristas produzirão a organização de novas instituições. Se a economia política retardar essa solução, o mundo conhecerá o caos. Os físicos já se encontram na fase de energia atômica, mas os economistas estão ainda em luta com a teoria ricardiana do automatismo económico, que corresponde à física da idade média e ao pensamento de Aristóteles.

É essa disparidade entre as ciências positivas que estão na base do progresso técnico da produção, e a ciência que deve permitir por suas conclusões a formação de um quadro jurídico novo que leve ao desespero. O mundo, na festa fúnebre apresentada pelo autor, parece logo a mãe que se esforça a qualquer preço para fazer entrar o corpo de seu filho nas vestes que já não correspondem mais ao seu tamanho. A criança cresceu. Se a mãe persiste no seu intento tímido, o corpo da criança que se dilatou naturalmente acabará rasgando as roupas escamadas. A mesma coisa está acontecendo com o



regime. A nós cabe a escolha entre o caminho da transição e do progresso contínuo, método que salvará o melhor que possuímos, e a permanência no novo que só poderá conduzir a humanidade a uma nova catástrofe.

Ninguém sustentará que diante desta alternativa não devam escolher o método da cooperação internacional. Mesmo os capitalistas terão suas vantagens nessa escolha. Possivelmente, percam parte de seus privilégios. Mas estarão eles seguros de os conservar intatos através de novas guerras e de fatais revoluções?